

Teologia do "Laicado"?

(Realidade ou Mistificação)

Pelo Prof. Dr. Enrique Dussel, Cidade do México, México

Pediram-me, na qualidade de teólogo "leigo" da libertação, um artigo sobre a "teologia do laicado". Devo dizer, de saída, que quando alguém me pergunta: — "Como é possível que você, um *leigo*, seja teólogo?", eu lhes respondo: — "Olha! primeiro não me insulte, porque eu não sou nenhum *leigo*. Eu sou cristão. E como cristão posso ser profeta, pastor, doutor... Enfim, exercer qualquer um daqueles carismas cristãos que Paulo de Tarso enumerou em suas cartas". Mas como afirmo que ser *leigo* é um insulto, vou me explicar melhor nestas breves linhas.

Tenho vasta experiência de ser aquilo que se denomina "leigo". Creio ter até *como "leigo"* mais experiência do que qualquer bispo da Igreja católico-romana e até do que o próprio Papa, pois, acredito, nenhum deles foi *durante 52 anos "leigo"* — porque muito antes entraram num seminário, e se ordenaram sacerdotes e depois foram promovidos ao episcopado ou elevados ao trono pontifício.

Era a noite do dia 24-12-1934, quando nasci em La Paz (que nome bonito!), em pleno deserto de Mendoza, Argentina. Meu pai era um médico de camponeses e pobres; mamãe, militante católica. Por isso, quando fiz meus oito anos, após ter recebido a primeira comunhão e decorado o Catecismo, entrei para a Ação Católica, na cidade de Mendoza. Depois, com 10 anos, tornei-me aspirante da Ação Católica; aos 15 anos, Jovem da mesma AC; com 17 anos, tornei-me Delegado diocesano dos Aspirantes e fundei o Movimento de Guias. Em Mendoza temos o monte Aconcágua com bem sete mil metros de altura: fui andinista (não alpinista), mas enfrentando montanhas de verdade, escalando picos com mais de cinco mil metros, desde meus 12 anos. Fui Presidente do meu Centro da JUC (Juventude Universitária Católica), na Universidade. Aos 20 anos, em 1954, Fundador da Democracia Cristã Argentina. Afinal de contas, um *curriculum* de bom conservador e anticomunista, na época da "guerra fria". Licenciado (tomista) em Filosofia com 23 anos, parti para a Espanha franquista sendo antifranquista. Minha tese doutoral de Filosofia era maritainiana contra Charles de Koninck (o tomista de direita do Canadá). Sempre "leigo"; toda uma "história do laicado" latino-americano, dos anos '30 até os '50.

Doutorado em Filosofia, passei dois anos em Nazaré, Israel, com Paul Gauthier. Todos os sábados íamos à Sinagoga de Nazaré, a de Jesus, e líamos em hebraico o texto de Isaías 61,1, aquele que Jesus lera nesse mesmo lugar: "*Ruah Adonai halah...* O Espírito do Senhor está sobre mim, e me ungiu para levar a boa-notícia aos pobres...". Essa consagração ou "unção" profética de Jesus é a minha, a que recebi no batismo 16 dias depois de nascido, aos 10 de janeiro de 1935, unção que meus pais pediram por mim à Igreja de São Pedro em Mar del Plata — 1.400 km de minha terra natal — peregrino que sou já uma semana depois de nascer!

Em Nazaré, Israel, trabalhei exercendo a profissão de carpinteiro. Conservo ainda comigo o martelo de madeira de lei nazaretana, que penso levar para o túmulo, aguardando o dia da ressurreição. Penso apresentar a Jesus meu martelo nazaretano e meu cartão do sindicato na *Istadrutz* (Sindicato israelense operário da construção civil), onde consta: *tavsán gimel* (Carpinteiro nível C). Ao menos deveremos tratar-nos como colegas de profissão — claro que Ele trabalhou muito mais tempo que eu, mas, afinal de contas, colegas. Entre 1959 e 1961 vivi essa experiência "espiritual" inenarrável na Terra Santa; e também no lago de Genesaré.

Com 27 anos regresssei à Europa, e sempre "leigo". Ingressei então na Sorbonne: Filosofia, História da Igreja e Teologia no Instituto Católico de Paris. Passei dois anos na Alemanha (1962-65, com interrupções), onde tive como Professor de Teologia em dois cursos o então progressista Joseph Ratzinger, que com sua humilde bicicleta ia dar suas *Vorlesungên* (Preleções) sobre a "Doutrina da Criação". Lortz foi meu professor de História da Igreja em Mogúncia, onde era bolsista. Em 1963 conheci minha futura esposa Johanna de Münster, Warendorf. Pouco depois nos casamos. Em Paris, nasceu meu filho Henrique. Pouco depois recebia o título de Licenciado em Teologia pelo Instituto de Paris. Em 1967, Doutor em História, pela Sorbonne, na especialidade História da Igreja na América Latina. Depois, regresso à América Latina. Professor no Instituto de Pastoral Latino-Americano, em Quito, Equador. Professor de muitos cursos, até de bispos. Dom Oscar Arnulfo Romero esteve em meus cursos por três vezes, em Medellín e em Guatemala la Antigua — entre dezenas de outros —. No final de 1981, Doutor honoris causa em Teologia em Friburgo, Suíça... E sempre "leigo"...

Porque tudo aquilo que contei, até aqui, não é nada em comparação com aquilo que o Senhor nos vem pedindo na América Latina, na África (onde acabamos de fundar a Associação de

Doutorado em Filosofia, passei dois anos em Nazaré, Israel, com Paul Gauthier. Todos os sábados íamos à Sinagoga de Nazaré, a de Jesus, e líamos em hebraico o texto de Isaías 61,1, aquele que Jesus lera nesse mesmo lugar: "*Ruah Adonai halah...* O Espírito do Senhor está sobre mim, e me ungiu para levar a boa-notícia aos pobres...". Essa consagração ou "unção" profética de Jesus é a minha, a que recebi no batismo 16 dias depois de nascido, aos 10 de janeiro de 1935, unção que meus pais pediram por mim à Igreja de São Pedro em Mar del Plata — 1.400 km de minha terra natal — peregrino que sou já uma semana depois de nascer!

Em Nazaré, Israel, trabalhei exercendo a profissão de carpinteiro. Conservo ainda comigo o martelo de madeira de lei nazaretana, que penso levar para o túmulo, aguardando o dia da ressurreição. Penso apresentar a Jesus meu martelo nazaretano e meu cartão do sindicato na *Istadrutz* (Sindicato israelense operário da construção civil), onde consta: *tavsán gimel* (Carpinteiro nível C). Ao menos deveremos tratar-nos como colegas de profissão — claro que Ele trabalhou muito mais tempo que eu, mas, afinal de contas, colegas. Entre 1959 e 1961 vivi essa experiência "espiritual" inenarrável na Terra Santa; e também no lago de Genesaré.

Com 27 anos regresssei à Europa, e sempre "leigo". Ingresssei então na Sorbonne: Filosofia, História da Igreja e Teologia no Instituto Católico de Paris. Passei dois anos na Alemanha (1962-65, com interrupções), onde tive como Professor de Teologia em dois cursos o então progressista Joseph Ratzinger, que com sua humilde bicicleta ia dar suas *Vorlesungen* (Preleções) sobre a "Doutrina da Criação". Lortz foi meu professor de História da Igreja em Mogúncia, onde era bolsista. Em 1963 conheci minha futura esposa Johanna de Münster, Warendorf. Pouco depois nos casamos. Em Paris, nasceu meu filho Henrique. Pouco depois recebia o título de Licenciado em Teologia pelo Instituto de Paris. Em 1967, Doutor em História, pela Sorbonne, na especialidade História da Igreja na América Latina. Depois, regresso à América Latina. Professor no Instituto de Pastoral Latino-Americano, em Quito, Equador. Professor de muitos cursos, até de bispos. Dom Oscar Arnulfo Romero esteve em meus cursos por três vezes, em Medellín e em Guatemala la Antigua — entre dezenas de outros —. No final de 1981, Doutor honoris causa em Teologia em Friburgo, Suíça... E sempre "leigo"...

Porque tudo aquilo que contei, até aqui, não é nada em comparação com aquilo que o Senhor nos vem pedindo na América Latina, na África (onde acabamos de fundar a Associação de

História da Igreja da África) ou na Ásia (onde organizamos uma reunião com teólogos budistas, hindus, muçulmanos e cristãos da libertação)... E para que este *curriculum*? Para mostrar que depois de tão vasta experiência de *leigo* — maior que a de qualquer Bispo ou Papa, como já disse, "*como leigo*", lançarei algumas hipóteses sobre o assunto que me foi solicitado.

Já faz algum tempo, Yves Congar, grande mestre e amigo, escreveu aqueles *Jalons pour une théologie du laïcité*. As linhas seguintes querem ser antes *Jalons* (marcos, balizas, estacas) para uma "antiteologia do laicado" ou uma "teologia do antilaicado", como prefiram. Como "leigo" que sou, como aquele outro "leigo" Dante Alighieri, cuja tumba venerei um dia em Ravena, terei um pouquinho de senso de humor. Ele não escreveu uma *Divina tragédia* mas uma *Divina comédia*, ou seja, com *muito senso de humor* fez a crítica de sua época a partir de um Deus Alegre: a história como "comédia". Da mesma forma, se tivéssemos que fazer uma descrição *sociológica* (entenda-se bem: o que se vê à luz da razão *natural*), poder-se-ia dizer que a Igreja Católica é uma instituição *episcopal romana*. É tamanho o poder do Episcopado que no feliz Concílio Vaticano II, terminado há pouco mais de vinte anos, houve mais de dois mil bispos, e alguns sacerdotes, religiosos e religiosas convidados. Quanto aos "leigos", poderiam contar-se nos dedos das mãos, e mesmo assim como "observadores". Nunca houve talvez na história da Igreja um Concílio *com tão poucos "leigos"*. E, sobretudo, com tão pequena autoridade. Ao menos em outras épocas, através dos Reis e dos Soberanos, embora feudais, os "leigos" deixavam entrar alguma luz de fora do mundo somente episcopal. A clericalização episcopal da Igreja é hoje total. Isto diria um observador sociológico — deixemos por enquanto a fé para outras observações.

Se agora remontamos à própria origem do Cristianismo, por contraste, aos olhos de um sociólogo (isto é, aos olhos de um observador que só tem a luz da razão), e se observamos a conduta objetiva de Jesus, do qual de modo quase maníaco segui passo por passo, materialmente, na minha estadia em Israel (caminhei de Nazaré a Tiberíades e a Cafarnaum, passando por Caná pelas montanhas, ou descendo pelo Esdrelon e ao povoado daquele jovem de Naim; ou caminhando de Jerusalém a Jericó e ao Mar Morto, dali prosseguindo até Belém ou aos povoados das montanhas da Judéia), veremos que Ele nunca se comportou como um sacerdote, criticou sempre o Templo, tomou a sua última refeição com os amigos numa humilde casa particular... Sociologicamente (atenção: não o digo à luz da fé nem teologicamente) Jesus não foi um sacerdote.

Como é possível tamanha modificação sociológica? Como é possível que o Fundador, que lutou contra o Templo, não pertencia a nenhuma família sacerdotal (mas era de origem real, ou seja, politicamente da estirpe davidica porém não levítica); não realizou sacrifícios como celebrante... E sua Igreja está hoje *exclusivamente* — no que tange à autoridade — em mãos de sacerdotes, não só isto, mas de bispos, e não só isto, mas do Bispo de Roma. E digo em mãos do Bispo de Roma, com o senso de humor de Dante, porque nunca na História da Igreja *até há menos de um século*, os bispos foram eleitos somente pela “Congregação para os Bispos”, em Roma. Sabe-se que na Igreja primitiva, a mais antiga e venerável *tradição* (e eu sou profundamente “tradicionalista” e não me agradam as instituições recentes quando não são necessárias nem convenientes), a comunidade diocesana escolhia os bispos, como ainda acontece nas Igrejas Orientais. Depois, na Idade Média latina, por abuso dos senhores e dos príncipes, Roma começou a nomear os bispos. Mas os reis se atribuíram poderes, que Roma concedeu, e nasceram os Padroados. De modo que nunca Roma *sozinha* podia nomear os bispos. Os bispos latino-americanos não foram nomeados apenas por Roma a não ser bem recentemente, em pleno século XX, quando os padroados estatais nacionais caducaram. Mas, inadvertidamente, em vez de compartilhar com as Igrejas nacionais os antigos direitos dos Estados, que na realidade os haviam arrancado às Igrejas locais, Roma é hoje a única instância para nomear os bispos. Este duplo abuso: o de os senhores, príncipes ou Estados nomearem os bispos, e o fato de Roma, para remediá-lo, começar a fazê-lo, chegou a negar o direito da comunidade local para nomear seus bispos. E que é que isso tem a ver com o “laicado”? Muito, como iremos ver.

Com efeito, na Igreja primitiva *não havia leigos*. Havia o “Povo de Deus”, havia nesse povo ministérios, havia muitos carismas. Havia presbíteros (anciãos), diáconos (serviçais), episcopos (ou inspetores, ou supervisores, como em Qumrã)... mas não havia essa *avis rara* que se chama “leigo”. Quando é que surgiram os “leigos”? Ao surgir a Cristandade. Ao nascer a identidade da cultura mediterrânea com o Cristianismo; quando o Estado romano começou a ser justificado pela Igreja; quando ser cristão e romano deu quase na mesma: desde o começo do século IV. Diante da multidão de pagãos que “invadiram” a Igreja, esta se viu obrigada a recebê-los como “multidão”, como “massa” quase passiva que deveria aprender o que se lhe ensinasse. Assim o ministério presbiteral, pastoral da Igreja primitiva dos primeiros séculos se foi constituindo num sacerdócio tradicional romano: com dedicação

exclusiva para essa função. Na Idade Média latina isso se expandiu. A clericalização da Cristandade latina foi quase total. Os "leigos", por maiores senhores feudais que fossem, eram geralmente analfabetos, iletrados, rudes. A Igreja devia "ensinar-lhes" tudo. Ser europeu, servo ou senhor, cristão, era tudo a mesma coisa. Mas além disso eram "leigos": membros *passivos* — quando muito nas Ordens Terceiras participavam da vida *perfeita* dos verdadeiros cristãos: os religiosos, os consagrados. A isso deveria acrescentar-se que pelo mal disfarçado maniqueísmo do grande Agostinho e pelo dos albigenses e outros dualistas medievais, a vida leiga, o matrimônio e a sexualidade eram muito desprestigiados. Somente os celibatários se afastavam dessas esferas do pecado, da carne, dos prazeres familiares. Assim como era permitido aos judeus emprestar dinheiro a juros, já que sendo judeus podiam cair no pecado da usura e perder-se eternamente, da mesma maneira os "leigos" podiam gerar filhos, o que era necessário mas sempre ligado ao libidinoso pecado do sexo.

Em Trento (1545-1563), os leigos não aparecem praticamente como instituição eclesial. Também não se acham no Concílio Vaticano I (1869-70). E, como já dissemos, no Concílio Vaticano II, inicialmente se acham ausentes como parte constitutiva do Concílio ("observadores"). Graças a grandes bispos e teólogos, o conceito "Povo de Deus" compreendeu os bispos e os "leigos", mas embora haja um capítulo sobre os "leigos", assim como no recentemente promulgado novo Código de Direito Canônico, estão desprovidos, sociologicamente falando, *de todo o poder institucional*. Deve haver bem poucas instituições, estamos falando sociologicamente, onde os membros da base estejam tão destituídos de poder (nem na antiga Maçonaria havia membros novos com tão pouco poder).

Em uma Igreja episcopal, sacerdotal, onde a totalidade das autoridades decisivas é eleita exclusivamente na Congregação Romana para os Bispos, que lugar ocupam os "leigos"? Praticamente nenhum.

Mas deixemos agora o nível sociológico e passemos para o teológico. O que é o "leigo" não na Cristandade, e sim em uma eclesiologia do "Povo de Deus"?

Se a Igreja é "comunidade" (cf. At 2,46), os membros de uma comunidade, pelo batismo, são os "consagrados" (ungidos). Sabe-se que os primeiros cristãos receberam esse nome, "cristãos", porque se relacionavam com "Cristo". Ora, "chrestós" é palavra grega que traduz o hebraico "Mashiah" (Messias): aquele que recebe o "óleo" da unção (como se derramava óleo ou azeite, em hebraico, consagrado ou "coberto com óleo" era a mesma

coisa). Ora, "cristão" era o "consagrado", aquele que recebera a unção no Messias. A Igreja cristã era uma comunidade de ungidos, messiânicos, consagrados. *Todos os seus membros*, pelo fato de terem sido recebidos na Igreja pelo batismo (entenda-se: não recebemos o batismo e sim somos recebidos *na Igreja* através do batismo), são "consagrados" (antes de serem religiosos, sacerdotes, bispos ou Papa). De modo que, em boa teologia, somos todos "consagrados" pelo batismo. Isto é o que eu sou: "Um consagrado", ou seja, um cristão e não um "leigo". Um "leigo" é certa função que os "consagrados" receberam em tempos de Cristandade, de profundo clericalismo, quando desaparecendo a "comunidade" (a Comunidade de Base) se transformaram em amorfia multidão impessoal de "esquentacadeiras" na Igreja da Cristandade européia e, depois, latino-americana e, como nos diziam na Ação Católica: "Recebi o apostolado hierárquico da Igreja". Mas será que o consagrado pelo batismo deve receber o "apostolado" *do Bispo* ou hierárquico? Será que o próprio batismo não tem por si mesmo, como consagração substancial cristã e eclesial, uma exigência essencial de apostolado, e desse apostolado essencial-batismal, comunitário, não participam ou derivam o apostolado sacerdotal, o episcopal ou o papal? Com efeito, na Ação Católica, na qual fui oficialmente admitido em 1942 (e guardo aquele distintivo com muito gosto e grande honra!), o "leigo" recebia o mandato do Bispo. Por quê? Porque ninguém lhe dissera que o apostolado era algo próprio de seu batismo. Até aqui chegava o grande mestre Yves Congar. Mas existe algo mais.

Na realidade, não é do batismo pessoal que emana o apostolado. Na realidade, cada membro da Igreja é consagrado como cristão (isto é uma tautologia, deveras), quando recebido na comunidade. A comunidade é a fonte e o fundamento do apostolado, da vida e da expansão da Igreja. Por ser membro da comunidade que consagra, cada membro é responsável por seus irmãos e pelo mundo, e pelo Reino, e pela libertação dos oprimidos, e pela luta contra o pecado...

É nessa comunidade, a partir dela e por ela que emanam os ministérios e carismas. Uns são pastores, outros sacerdotes, outros ainda bispos e, enfim, outros papas, e outros religiosos, aqueles outros doutores, outros ainda profetas e outros políticos, em nome de sua fé, outros... e aos poucos cada membro vai ganhando sua função. Que sobrará para o "leigo" depois de uma exaustiva enumeração? Nada! Simplesmente, esse membro passivo, ao qual se ensina, que nada sabe, que vem à Igreja para assistir à celebração da Missa... é o "observador" de um Concílio,

de uma Conferência de Bispos (ao qual Dom Alfonso López-Trujillo atribuiu, em Puebla, como única função a de rezar pelo bom sucesso do trabalho *dos bispos*...).

Parece-me que algo está funcionando mal na vigente teologia do "laicado". Acho que valeria a pena gastar um pouco de tempo, antes de um Sínodo de Bispos — no qual, é claro, nenhum "leigo" terá parte ativa, com autoridade — sobre o "laicado", para suspeitar de que o simples fato de falar sobre o "laicado" já supõe uma certa eclesiologia. E deve-se desconfiar de que, tendo-se esquecido durante muitos anos depois do Concílio Vaticano II o tema do "laicado", se venha agora a recordar sua existência. Será que uma certa eclesiologia profundamente clerical e episcopal romana não estaria precisando *voltar* a ter uma "boa" teologia do "laicado"? De um "laicado" fervoroso, obediente, disciplinado, responsável pelo temporal (de tal maneira como a Igreja é função do clérigo "espiritual": ou seja, secularização idolátrica do mundo e clericalização também feiticista da Igreja), mas, afinal de contas... "laicado". Uma vez que se entra num beco sem saída, não há meio de encontrar a saída.

Em uma teologia conseqüente com a Igreja dos pobres, uma Igreja dedicada a evangelizar os oprimidos, uma Igreja de Comunidades Eclesiais de Base, os membros cristãos não têm mais a experiência de ser *leigos*. Não são absolutamente "leigos" (em português costuma-se dizer: "Eu sou *leigo* neste assunto", indicando com isto que não sabem nada, que não são peritos, especialistas nessa matéria). Pelo contrário, os membros das Comunidades Eclesiais de Base, com a Bíblia nas mãos e lendo-a em seu contexto real de miséria, opressão e sofrimento, *são peritos, sabem o que é ser cristão*, podem dialogar com padres, com bispos e até com o Papa (como o fizeram quando isto lhes foi permitido, como os camponeses, índios e outros que na Colômbia, Equador e outros países falaram com o Papa sem levar em conta o protocolo que os eclesiásticos tinham determinado). Não são "leigos"; são membros consagrados vivos de uma Igreja-comunidade. Cumprem diversas funções: uns convocam a comunidade, outros arrumam a casa para a reunião, outros sabem ler melhor a Bíblia, outros constroem casas, outros falam melhor, outros cuidam dos enfermos... e outro celebra a Eucaristia. Este último é o Padre Luís ou o Vigário João, um membro da comunidade que tem o ministério da celebração. Todos estão de acordo que ele cumpra essa função, uma entre outras (importante, sem dúvida, mas não a única!), sabendo que a principal função é a da caridade, carisma que talvez seja possuído em plenitude pela "Vovó Maria das Dores", aquela que nos seus mais de 70 anos de existência nunca

blasfemou o Nome de Deus por seus sofrimentos, em seus trabalhos, e ensinou como catequista (outro dos carismas fundamentais de fundação da Igreja) a muitas e muitas crianças.

Será que se sente ou se considera “leiga” essa “vovó”, aquele membro da comunidade, aquele menino que nas reuniões com apenas 12 anos, com sua Bíblia sobre os joelhos, sentado, lê claramente o texto e o explica a seus maiores — como já vi na Comunidade de São Pedro Mártir, no México?

No Encontro Nacional Eclesial Cubano (ENEC), realizado em fevereiro de 1986, a Igreja de Cuba nos ensinou algo totalmente inédito: Um ano inteiro, em todas as paróquias, se trabalhou para o Encontro, com base em reflexões, oração, estudo da história. Elaboraram-se conclusões. Com elas se passou todo um ano, em nível diocesano, a realizar a mesma coisa. O interessante porém é que se escolheram representantes das paróquias; não somente sacerdotes mas também outros membros da comunidade. Depois, com os delegados das dioceses (25% de sacerdotes e bispos e 75% de membros das paróquias) se procedeu da mesma maneira em escala nacional. Cada mão levantada era um voto nas conclusões. Os não-sacerdotes ou não-bispos não eram “observadores”. Foram membros ativos com igual voz e voto: comunidade eclesial que deveria dar à revolução cubana um testemunho de justiça institucional interna. Será que isto é possível em outras partes? Por enquanto, creio que não. Mas o certo é que nesse ENEC não havia “leigos”, não-iniciados, ignorantes das coisas da Igreja. Havia membros, conhecedores da comunidade, responsáveis pelos pobres, pelo mundo, pela missão, pelo Reino.

Teologia do “laicado”? Preferiria falar de “teologia dos membros do Povo de Deus”. Claro está que, se alguns pensam mais na “Sociedade Perfeita” (= Igreja), desejarão falar do “laicado”, obediente, fiel, fervoroso, passivo, enfim, e sem autoridade nem responsabilidade real na Igreja. No caso de se ter uma Eclesiologia do “Povo de Deus” e não se confundir a Igreja com o Reino de Deus, os mal chamados “leigos” seriam os membros da Igreja que foram consagrados para construir esse Reino como pedras vivas do Povo messiânico neste final do século XX.

Endereço do Autor:

Apartado 11-671

06100 México, DF

México